

Incessantemente o homem tenta reduzir o imprevisível a um sistema, submeter as forças sinistras a influências precisas, moderar a sua cruel arbitrariedade e assim libertar-se da pressão do pesadelo universal. Esta tendência veio a constituir um dos caracteres essenciais de todas as religiões. Até podemos dizer que, de fato, toda a história da civilização da humanidade se resume numa única tentativa prosseguida, através de milênios, para conjurar o Medo.

Não obstante, continua o Medo a ocupar nas religiões dos povos de adiantada civilização uma ampla esfera de domínio. É verdade que os demônios tomaram agora fisionomia antropomórfica de divindades individuais; abandonaram pele de animal, chifres, cauda de dragão e fauces de lobo e trocaram seu urro furioso por uma voz semelhante à dos homens. Estes deuses antropomorfos continuam todavia a ser arbitrários, maus, duma sede de sangue atroz, e as relações dos mortais com eles continuam dominadas por um medo cego, desesperado e irremediável.

Zeus é apenas um demônio caprichoso, vingativo, pérfido e, como ele, os outros deuses do Olimpo grego são carrascos e degoladores implacáveis. "A única ocupação dos Deuses", queixa-se Eurípides, "é a de nos torturar"; pois "a ira das divindades" não tem motivo nem justificação. Ela não é senão capricho, teimosia, inveja. Qualquer acontecimento no mundo origina-se do prazer que têm os Deuses em assistir às torturas dos homens. E estes, na sua angústia, quantas vezes não desesperam completamente de sua existência! "O melhor é nunca ter nascido. Se, porém, tu vives, então o melhor é te apressares a voltar para o lugar de onde vieste!" E' assim que Sófocles faz falar o côro dos anciões de Colonos.

E quantas figuras sinistras e pavorosas não criou a antiguidade junto a seus Deuses olímpicos: Pã, a divindade do Medo que paralisa; Dionisos, o ébrio destrutor das formas; toda uma multidão de monstros fantásticos: Ecate, Gorgona, Mormo, os Lamies, as Empuses, as Harpias e, como o símbolo mais forte das criações engendradas pelo Medo primitivo, o monstro híbrido da Esfinge antropófaga!

A noção dessas forças maléficas que enchem o universo é espalhada por todas as culturas religiosas da antiguidade. O Egito faz pairar sobre a frente de seus fiéis a ameaça do bico recurvo de seus deuses com cabeça de gavião. As divindades da Assíria consistem em ladrões e assassinos sanhudos, de músculos entumecidos pela raiva e empunhando machados e açoites. Até mesmo a deusa do amor, Astaroth, jamais abraça sem matar. A primeira deusa do México é a Mãe da Dor, Cuacuotl, que introduziu o pecado no mundo. Para os chineses, a divindade principal é o terrível Dragão Gigante. Quanto aos hindús, domina-os Kali, a deusa do Terror, de feições horrendas, e mais o deus Shiva dos cem braços destrutores. Agni, mesmo, que recompensa generosamente, conforme conta o Rig Veda, prende entre os dentes agudos e

a sua língua de labaredas os que transgridem os dogmas de Varuna, ditados pelo amável Mithra. O politeísmo budista venera Mkha-Sgro--Ma com cabeça de leão e o gigantesco pássaro Garuda. Terríveis e monstruosos são o Ahriman persa, o Set egípcio e o Loki dos germanos.

O deus vingativo do Velho Testamento constitui também uma fonte primitiva do Terror supremo. Seu poder divino se manifesta no vento, nas tempestades, nos terremotos. Jeová sabe guardar rancor e vingar-se terrivelmente quando seu povo poupa os sacrifícios ou peca de qualquer outra maneira. Sem pausa, a sua cólera tremenda flagela os homens; ele extermina-os em multidão. Castiga-os com a fome, com más colheitas, doenças e guerras, tortura-os e martiriza-os. "Seu hálito é como a labareda cintilante e de sua boca saem as chamas. Na sua nuca reside a Força e a sua frente caminha o Medo".

Job, o paciente, sofre todas as atrocidades de que este deus de vingança é capaz, e seu desespero concentra-se neste grito supremo: "Pois reparai em como Deus é injusto para comigo e que Ele me tem preso na sua rede de caça! Olhai, de balde grito contra esta injúria, ninguém me ouve; chamo e não existe justiça!"

A consciência de estar incessantemente exposto às perseguições dum demônio onipotente e mau, torna-se, com o tempo, intolerável. Paulatinamente este sentimento transforma na concepção dos homens, o tirano divino num Deus justiceiro e justo, que já não tortura suas criaturas por insensato capricho, mas as pune e recompensa de acordo com regras morais eternas. Agora, cada acontecimento funesto, cada calamidade, cada adversidade é interpretada por um sistema universal justo, como expressão que é de uma lei suprema. O que até agora parecia vingança, passa, daí por diante, a exprimir a sentença duma providência divina infalível.

Graças a essa dependência do Universo a um soberano onisciente e infinitamente justo, a humanidade parece ter vencido por um momento o Medo primitivo. O velho adversário, porém, não se deixa derrotar tão facilmente; mal a ansia pela libertação do Medo faz nascer a idéia dum Deus justo, que julga de acordo com a culpa, e já a Angústia primitiva, sempre viva, sempre atual, engendra o sentimento da culpa original, da incapacidade de ter ganho de causa perante um juiz justo.

A consciência, com uma clareza assombrosa, certifica-se do número infinitamente variado das possibilidades de falta; reconhece como é fraca a sua capacidade de defesa contra todas as tentações que nos induzem a pecar.

Deste sentimento aniquilador nasce a idéia de que toda a imperfeição do mundo constitui o castigo duma culpa do homem, conseqüên-